

VISÃO DO CORREIO

Muitos desafios na educação

O Brasil avança a passos lentos nos indicadores educacionais, segundo a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) voltada para o tema. Houve melhorias sutis em determinados aspectos, como a quantidade de crianças matriculadas na série correspondente — esse índice chegou a 96,1% em 2025, acima da meta de 95% estabelecida pelo Plano Nacional de Educação (PNE). Mas existem chagas antigas e graves.

Pela primeira vez, a taxa de analfabetismo ficou abaixo de 5%, no menor índice da série histórica iniciada em 2016. Apesar disso, o país convive com uma realidade dolorosa: 8,4 milhões de brasileiros não sabem ler ou escrever um bilhete simples. Trata-se de praticamente a população de Portugal. Esse contingente se concentra especialmente entre os brasileiros acima de 60 anos, que não tiveram a oportunidade de serem beneficiados pela universalização do ensino. Essa parcela da população, avaliam especialistas, representa um desafio para educadores, pois enfrenta as dificuldades típicas da idade, como mobilidade limitada, menor disposição para aprendizagem e pouca familiaridade com tecnologias que permitem o ensino remoto.

Em relação aos brasileiros acima de 15 anos, o cenário é um pouco melhor. O analfabetismo está em uma faixa de 2,6%, muito abaixo dos 13,8% verificados na população idosa. É importante ainda observar a queda no percentual de jovens até 29 anos que não frequentam escola nem têm uma ocupação profissional. Essa geração nem-nem representa 17,5% da população nessa faixa etária, percentual bastante inferior aos 22,4% registrados em 2019. Ainda assim, em números absolutos, os dados impressionam: há 8,1 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos que não trabalham, não estudam nem frequentam algum curso de qualificação profissional. É o futuro do Brasil atingido em cheio.

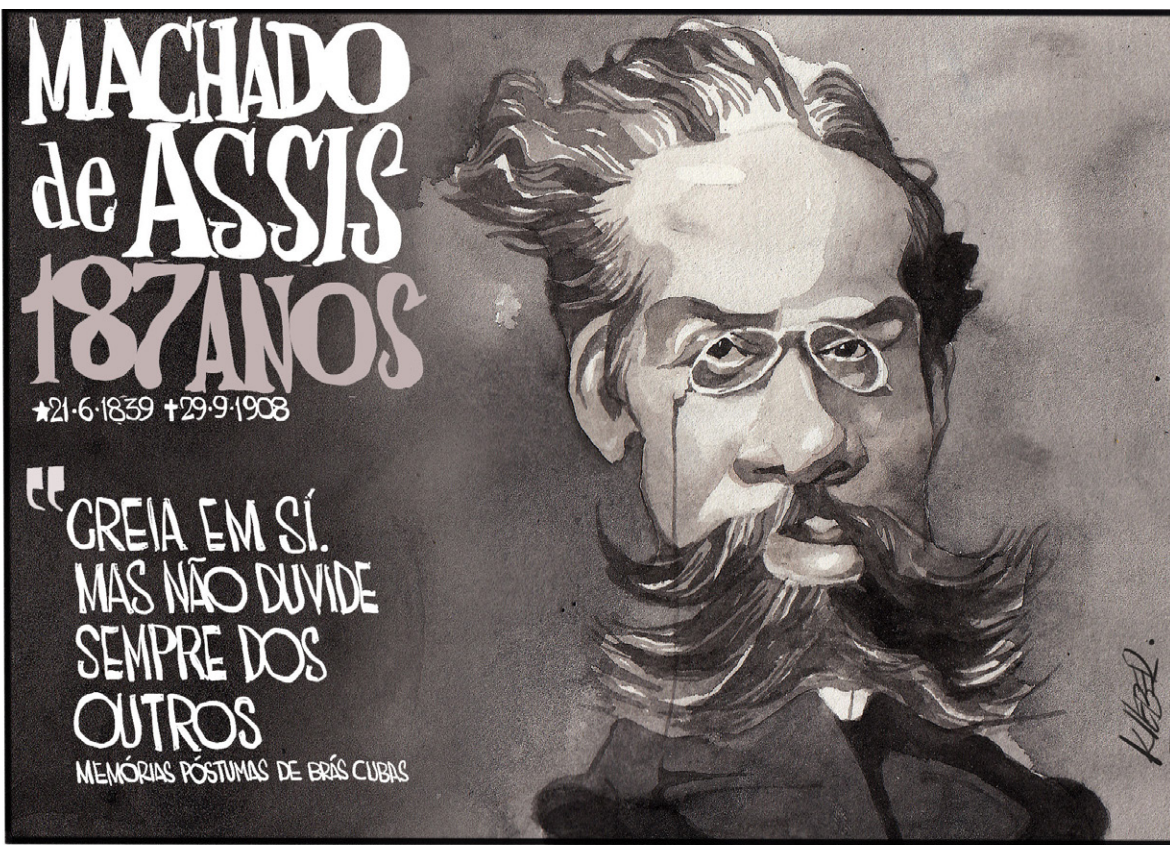
Os números divulgados pelo IBGE revelam o

desafio monumental que o país tem pela frente. O Brasil jamais abandonará o estado de mediocridade econômica e civilizatória se não enfrentar firmemente as questões de fundo que definem o retrato educacional. A primeira tarefa é reduzir a desigualdade social. Tome-se novamente o exemplo do analfabetismo. Mais da metade dos brasileiros desprovidos de instrução mínima — 57,4% — estão concentrados na Região Nordeste. É na Região Nordeste também que está concentrada a maior população em extrema pobreza. Há, portanto, um claro alinhamento entre miséria e educação, que precisa ser debelado por meio de políticas sérias e consistentes.

A necessidade imperiosa de melhorar os índices educacionais se impõe ainda mais urgente considerando as rápidas mudanças na economia, fortemente afetada pelos avanços espantosos da tecnologia. Os brasileiros que têm dificuldades de adquirir o hábito de ler e estudar ficarão cada vez mais apartados da evolução econômica e tecnológica. Não apenas terão menores chances de conseguir um emprego qualificado; terão dificuldade até de interagir com realidades cada vez mais tangíveis, como o uso de inteligência artificial na prestação de serviços.

Em diferentes épocas, diversas nações experimentaram um salto qualitativo expressivo quando decidiram dar prioridade à educação. Grandes potências, como China e Estados Unidos, além de vários outros países asiáticos e europeus de uma forma geral, obtiveram ganhos espetaculares quando implantaram sistemas educacionais que atendiam ao máximo a sua população.

No caso do Brasil, como apontam os dados mais recentes da Pnad, é obrigação do país combater o legado de exclusão educacional perpetuado durante séculos. Trata-se de um assunto de Estado, que deveria ser avaliado com rigor e seriedade por qualquer autoridade. Recomenda-se ao eleitor que, em outubro, identifique qual candidato tem compromisso real com essa causa.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Perdendo talentos

A saída de jogadores para o exterior está mudando a nossa Seleção. Muitos dos nossos jogadores, que antes seriam ídolos aqui, estão indo jogar em outros países e, em alguns casos, até defendendo outras seleções. Isso faz a gente pensar: ainda sentem o mesmo amor pela camisa brasileira? Um estudo recente aponta que essa “internacionalização” dilui nossa identidade nacional no futebol. A identidade é forjada por nossas tradições. A identidade de um povo é construída com o tempo, com as tradições, o jeito que se expressa, até mesmo com a forma como se joga bola. Quando um jogador vai para fora, ele se adapta à nova cultura, alterando sua representação. Não é errado buscar novas chances, mas essa “profissionalização da nacionalidade” faz a Seleção perder a essência que nos fazia vibrar. Nossa identidade, antes forte, perde-se no mundo globalizado. Precisamos refletir: o que perdemos com a saída de talentos? Como resgatar o orgulho de ver nossos craques defendendo, de corpo e alma, nossa bandeira?

» **Marcelo Galimberti Nunes**

Sudoeste

Oásis

O jogo dentro das quatro linhas não pode ser compreendido sem considerar o que se passa fora delas. Haiti e Brasil foram colonizados por metrópoles europeias e marcados pela escravidão. Tais experiências históricas deixaram cicatrizes profundas que ainda moldam suas realidades: fome, pobreza, violência, discriminação racial, desigualdade social, crises econômicas e instabilidade política. A propósito, Caetano Veloso e Gilberto Gil, em *Haiti* (1993), compuseram uma verdadeira aula de história sobre as realidades brasileiras e haitianas: “Pense no Haiti/Reze pelo Haiti/O Haiti é aqui/O Haiti não é aqui”. Durante 90 minutos, a consciência foi escanteada e a alienação tomou conta do campo. Brasil e Haiti, pela Copa do Mundo de 2026, teve clima de várzea e lampejos de técnica. Oásis no meio do deserto: os gols de Matheus Cunha, dois, e de Vini Jr., um. A vitória da Seleção por 3 a 0 não pode tapar o sol com a peneira. O placar expressivo contra o Haiti revela mais sobre a fragilidade do adversário do que sobre a solidez brasileira.

» **Marcos Fabrício**

Asa Norte

Voracidade justiceira

Salvo raríssimas exceções, as famosas CPIs ou CPIMs fazem jus ao dito popular: tudo acaba em pizza. Convém recordar esse ditado porque, a cada novo escândalo — nesse comentário, envolvendo possíveis delitos apurados pela Polícia Federal e submetidos à jurisdição da Justiça Federal —, surgem parlamentares do Congresso Nacional que, de forma “heroica” e com “voracidade justiceira”, passam a defender a instalação desse ineficaz instituto parlamentar, que, por sua vez, parece ter como principal objetivo os cortes destinados à promoção pessoal nos palanques virtuais. Há outra máxima popular segundo a qual o melhor é, antes de tudo, cuidar da limpeza do próprio quintal. Assim, seria um grande gesto dos excelentíssimos parlamentares que, diante de escândalos envolvendo seus pares, conferissem efetividade aos respectivos conselhos de ética e decore parlamentar e às corregedorias das Casas Legislativas. Embora haja delegados de polícia, policiais, ex-juízes e ex-promotores ou procuradores exercendo mandatos eletivos, acredito

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A palavra que deveria ter sido enviada pela Defesa Civil era “patéticos”. É assim que nos sentimos diante de uma notícia dessa, de que foi uma invasão hacker, após acordar de madrugada de susto.

Dayse Carvalho — Brasília

A Polícia Federal tem que apurar esse falso alerta da Defesa Civil. Imagine crianças, pessoas idosas e sensíveis recebendo mensagem de desastre iminente sem ser verdade. Isso tem que ser investigado com rigor!

Paulo Castro — Brasília

Vinicius Jr. puxou a resposta. É esse tipo de atitude que os outros jogadores da Seleção Brasileira têm de ter também.

Darlan Fernandes — Brasília

Valeu muito o jogo da Copa contra o Haiti. A Seleção Brasileira ganhou do time que está no 85º lugar do ranking da Fifa.

Waldir de Jaime Sousa — Taguatinga

que as instituições do sistema de Justiça dispõem de mais instrumentos para investigar e combater delitos dessa natureza. Ainda que se reconheça a competência fiscalizatória do Poder Legislativo, entendo que o foco deveria recair sobre o ofício de legislar em prol de normas capazes de harmonizar, de forma equitativa, a convivência coletiva.

» **Daniel Cunha**

Águas Claras

Transporte digno

O Distrito Federal tem reforço de transporte público em dia de jogo do Brasil na Copa, mas tem que colocar reforço diariamente, em dia de domingo e feriado, para trabalhadores plantonistas. Implantaram a passagem “de graça”, mas mantiveram o descaso, reduzindo as frota nessas dias. Não é fácil ir para o trabalho tendo apenas uma linha disponível. E, para retornar, fica ainda pior com apenas essa linha e com o aumento de passageiros. Quem sai para trabalhar, quem embarca às 5h, às 5h30, já vai em ônibus abarrotado e, no retorno para a casa, divide os ônibus com os que voltam do dia de lazer. Tem que ter transporte digno para todos, e todos os dias. Transporte digno para quem trabalha e para os que têm o direito à tarifa zero para aproveitar o dia de descanso.

» **Sandra Amaro**

Brasília



ANA DUBEUX

anadubeux.correio@gmail.com

Esporte não é só futebol

Acompanhando todo o frenesi da Copa do Mundo 2026, não posso deixar de observar o que escapa ao campo. Basta olhar nosso feed no Instagram e demais canais para ver uma cobertura que envolve memória, história, curiosidades, entretenimento, personagens, bastidores de uma redação que sustenta paixão e alegria, Brasília de verde e amarelo, além de informação direto da Copa, com os jornalistas Marcos Paulo e Victor Parrini. Tá bonito de ver, e estou orgulhosa da nossa equipe.

Mas o fora de campo a que me refiro vai além de tudo isso, compreende luxo, dinheiro e influência (basta olhar o número de seguidores dos atletas, um tanto inflacionado nesse período), tudo moeda do nosso tempo. O futebol tem uma particularidade constrangedora: movimentam somas astronômicas e levanta torcidas e esperanças nos rincões mais miseráveis do mundo. Quantas vezes já me peguei revoltada com os contratos vultosos, salários estratosféricos e estrutura nababesca em volta dos jogadores e do negócio da bola!

As cifras me dão certa vergonha alheia porque a desigualdade desafia a orquestra mais sublime. O abismo constrange e deveria revoltar mais e mais gente. Saio dos gramados verdejantes e ricos do país de Trump e suas intempetividades para o Lago Paranoá, na nossa Brasília. Encontro mulheres que chegaram à elite da canoa havaiana de pires na mão, pelejando pelo direito de representar o país no Campeonato Mundial de Va'a Sprint, em Singapura, que ocorre de 19 a 31 de agosto.

As equipes femininas de canoagem de Brasília têm bons índice, atletas de alto rendimento e resultados que permitem sonhar, não fosse por uma questão: falta de dinheiro. O time Kaluaná vai disputar em todas as categorias, da Open à Master 40. Elas estão sem patrocinio, vendo o tempo passar, sem respostas dos órgãos que poderiam apoiar com passagens e estadia nessa empreitada caríssima até Singapura.

Aguardam recursos do Compete Brasília, programa brasileiro que apoia os atletas com custo logístico. Esperam respostas do governo federal e do Congresso Nacional. Mas a data da competição se aproxima, e nada de o dinheiro sair. E essa história não é isolada. Há mulheres acima dos 70 anos também classificadas para competir, a maioria do Minas Tênis Clube. Atletas que desafiam o tempo, o corpo e os limites impostos pela sociedade.

O esporte brasileiro, assim como tudo mais no país, é de uma desigualdade vergonhosa. Temos modalidades de elite com dinheiro a perder de vista, como o futebol. Outras que concentram ricos, como o tênis, o hipismo, o automobilismo, o surfe, praticamente dominadas por pessoas que têm como investir recursos próprios até provar valor e conseguir patrocinios.

Mas e todos aqueles que, mesmo mostrando resultados e conquistando índices, precisam abrir mão dos sonhos por não conseguirem apoio para ir a campeonatos mundiais? Se for mulher e 40+, ainda mais difícil. Machismo e etarismo também reinam no esporte. Basta olhar os movimentos por remuneração, prêmios e patrocínios iguais para as mulheres. A quem interessa mulheres na linha de chegada? O patriarcado sempre será uma mão pesada sobre nossas cabeças e planos e, por isso mesmo, temos de lutar contra ele.

O futebol é mesmo uma fábrica imensa de alegria, faz parte da nossa cultura e da nossa economia. Movimenta nossas emoções. Acredito, porém, que precisamos ampliar horizontes. Olha o que já fez o atletismo por nós! Vejamos o exemplo da ginasta Rebeca Andrade, nossa maior medalhista. Se um atleta se projeta, acaba atraindo marcas, que querem rosto e voz para vender produtos, de um refrigerante a um banco. E o apoio que precisamos até chegar a esse dia? A verdade é que cada um que chega lá convoca nosso coração. Devemos colocar o nosso a serviço do esporte, de quem precisa. Estou na torcida pelas mulheres bravas da canoa.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342-1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empreito terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br